

Humor e Violência – Por Onofre Varela

written by Onofre Varela | 18 de Março, 2025

OCIDADAO



Onofre Varela

Estamos a viver tempos perigosos a nível mundial. O desrespeito pelo próximo parece ser lei, e a opinião pública é intoxicada por ideais extremistas escurecendo o futuro de cada um de nós, desrespeitando, totalmente, o Humanismo que devia fazer lei nas relações humanas e entre Estados.

As actuais políticas económicas e de expansão territorial, estão muito perto das tristemente célebres “Cruzadas” que, entre os anos 1095 e 1291 (durante dois séculos) tiveram a missão de reconquistar Jerusalém (denominada “Terra Santa”) do domínio muçulmano, e cujo resultado redundou em morte e destruição.

O que nos vai salvando os dias é a capacidade que todos nós temos de rir, e muitas vezes rimo-nos do nosso próprio

infortúnio. Rir é um bom remédio para qualquer mal (tal como na tropa os comprimidos LM [Laboratório Militar] eram receitados para todos os males).

Já li opiniões de agentes religiosos defendendo o sentido de humor, considerando-o, até, divino! Mas também já me deparei com opiniões de outros religiosos atacando o humor, considerando-o um sentimento menor, do qual as “pessoas de bem” se devem distanciar.

Na minha juventude participei em diversões e actividades de palco no Patronato Paroquial de Rio Tinto, Gondomar (muitos anos depois destruído para dar lugar ao Lar Paroquial da Terceira Idade), que tinha uma boa sala de espectáculos por onde passaram vários actores, de entre os quais recordo Mena Matos, um excelente humorista e imitador, que fazia as vozes de todas as personalidades públicas da época, apresentando-as não só em palco, mas também aos microfones da rádio no programa de humor (e crítica social camuflada por causa da Censura) “A Voz dos Ridículos”.

A minha participação era de cariz humorístico, fazendo “Stand up Comedy”, modalidade que hoje está na moda, mas que, na época, nem sequer existia com tal designação. Lembro que no final de um desses espectáculos, de sala cheia com aplausos e gargalhadas, o padre lá do sítio subiu ao palco para agradecer a músicos e cantores, mas com reservas para “o contador de anedotas”! Com um sorriso beato afivelado no rosto, aquele membro da Igreja elogiou os meus companheiros de palco e agradeceu as suas prestações, mas sublinhou “a indelicadeza do humor” naquele espaço paroquial. Ouvi-o, e ri.

Naquele tempo (década de 1960, ainda a uma dúzia de anos de acontecer o 25 de Abril) pouco mais podia fazer perante um discurso beato, que não fosse rir!

Garanto que o meu humor, apresentado sob a designação de “anedotas”, não tinha nada a ver com as anedotas do meu amigo

(e nosso comediante actual) Fernando Rocha, que usa o vernáculo para provocar o riso, de quem muitos gostam e tantos outros o detestam por não tolerarem o palavrão que ele usa como marca distintiva do seu humor. Mas o palavrão existe, faz parte da linguagem do nosso Povo e funciona bem em determinados palcos e públicos por retratar os discursos de todos nós (ou da maioria).

É um humor que – embora possa ser contestado – é perfeitamente lícito, e a visibilidade do palco e da televisão acaba por ser entendida como destruidora da clandestinidade, aferindo a legitimidade de se dizer palavrão em público (e que, na senda do nosso Gil Vicente, todos nós usamos em privado) no sentido de fazer rir. Há quem não goste!... Paciência... eu também não gosto de marisco... mas há quem diga que é muito bom!...

Herman José, em 1994, teve um programa no canal 1 da RTP, denominado Herman Zap!, de grande audiência e agrado nacional. Um dia, nas suas rábulas, criou uma Última Ceia de Jesus, humorística. Caiu o Carmo e a Trindade!...

A Igreja Católica não achou piada nenhuma àquele excelente trabalho de comédia, e protestou. O bispo Maurílio Gouveia, então responsável por um gabinete que julgo denominar-se “Episcopado para a Comunicação”, apressou-se a dizer que “O programa ridicularizou o que há de mais sagrado na fé dos cristãos: a eucaristia”.

A série de programas foi interrompida e realizaram-se mesas redondas debatendo a questão religiosa e a liberdade de expressão. Marcelo Rebelo de Sousa, então presidente do PPD, declarou: “Vejo com preocupação que, sendo um canal de serviço público, nele se encontrem mensagens que podem ser consideradas ofensivas de valores partilhados pela maioria dos portugueses e também ofensivas de instituições particularmente relevantes como é a Igreja Católica”.

Herman José mostrou-se surpreendido pela reacção da Igreja, e

declarou: *“Deus deve estar a rir-se às gargalhadas da mesquinhez de quem criticou o Herman Zap!”*. Organizou-se uma mesa redonda na RTP onde se discutiu aquele programa televisivo de diversão transformado em tragédia nacional pela Igreja, e o frei Bento Domingues pareceu-me ser, de entre os vários intervenientes, aquele que teve a opinião mais lúcida. Declarou ter visto o programa e não ter encontrado nele nada que beliscasse a sua fé. Confessou que até lhe achou graça: *“Aquilo tinha a ver com o meu riso, não com a minha fé”*, disse.

Na madrugada do dia 24 de Dezembro de 2019, no Brasil, extremistas atacaram à bomba a sede da produtora de conteúdos televisivos *“Porta dos Fundos”*, como protesto pela transmissão de um *“sketch”* com o título *“A primeira tentação de Cristo”*. Nele, Jesus foi representado como um jovem que terá tido uma experiência homossexual, e também se insinua que o casal bíblico Maria e José viveu um triângulo amoroso com Deus. Eu vi o programa e não lhe achei a graça que, provavelmente, os seus autores pretendiam. Teve dois ou três momentos de humor, e o restante (para o meu gosto e de acordo com o excelente trabalho a que o mesmo grupo me habituou) era francamente mau. A qualidade daquilo era muito rasteira... mas, daí, até se lançarem bombas contra a empresa produtora do programa, vai uma distância abissal!...

Pode-se gostar, ou não gostar, e criticar o programa. Se nos consideramos ofendidos apresentamos o nosso protesto às entidades competentes para julgar o caso, e esperamos que a Democracia e a Justiça façam o seu trabalho... mas um ataque à bomba é crime!

Naquele momento da política brasileira (consulado de Jair Bolsonaro), com as acções da Direita mais extremista apoiada pelo governo, as liberdades de expressão e de criação artística estavam seriamente comprometidas. O próprio filho do presidente, Eduardo Bolsonaro, deputado por São Paulo, foi uma das figuras públicas a condenar o *“sketch”*.

Os actores Gregório Duvivier e Fábio Porchat, responsáveis pela “Porta dos Fundos”, declararam: “*Não nos vamos calar! Nunca!*”. Eu apoio sempre qualquer luta a favor da liberdade de criação e de expressão. Não admirei aquele trabalho, mas defendo a liberdade dos seus autores em tê-lo criado.

Um dia depois do atentado, um grupo ultra-nacionalista intitulado “Comando de Insurgência Popular Nacionalista da Grande Família Integrata Brasileira”, reivindicou a responsabilidade do atentado. O espírito que sobressai do nome deste grupo leva-me a entendê-lo como uma espécie de Ku-Klux-Klan e de agrupamento Nazi. Só grupos de tal índole atacam a liberdade de expressão, alegadamente em favor de um ultranacionalismo balofo e criminoso.

Os religiosos que se sentem ofendidos com uma comédia quando ela brinca com elementos da sua crença, devem protestar nos locais próprios que os regimes democráticos têm para esse fim. No caso deste atentado brasileiro duvido do sentimento cristão do grupo de criminosos-nacionalistas, cuja reacção foi atacar à bomba!...

Este acto poderia estar relacionado com o regime político de então, que permitia (ou instigava?) a violência, e tinha gente da IURD sentada no Parlamento, sendo que o próprio presidente (Bolsonaro) é afecto a essa seita dita evangélica, e por muitos apontada como criminosa.

Os extremistas muçulmanos também reagiram com metralhadoras contra o jornal satírico Charlie Hebdo, em 2015, matando 12 jornalistas-cartunistas, só porque não gostaram de uma crítica a Maomé!

Os extremistas religiosos e patrióticos não pensam para além do tabu sacramental de Deus e da Pátria. Não têm sentido de humor, nem nenhum outro sentimento que não seja o da vingança estúpida e violenta. A interpretação que fazem dos textos religiosos é programada pelos gurus das seitas, e não pela sua

capacidade de entendimento (que parece não possuírem).

No caso da comédia brasileira, aludindo uma hipotética homossexualidade de Jesus, ressaltam alguns condicionamentos mentais dos crentes que os levaram à irritação, à fúria e ao crime. Desde logo, temos a própria homossexualidade que é condenada por si só e que os crentes rotulam de “pecado”. E depois... não leem a Bíblia! Dizem ser o seu livro sagrado, mas não fazem a mínima ideia do seu conteúdo!

No Novo Testamento (João: 13; 21-30) é narrada uma cena incluída no capítulo onde se encontra a célebre frase de Jesus: *“Na verdade vos digo que um de vós me há-de trair”*. Perante esta denúncia, os seus discípulos olharam-se, perplexos com o que o Mestre lhes dizia.

A parte curiosa desta narrativa está nesta frase: *“um dos seus discípulos, aquele a quem Jesus amava, estava reclinado no seio de Jesus”*. Quer dizer que Jesus só amava um dos discípulos (ou amava-o mais, ou de modo diferente, do que a todos os outros?), que por acaso era aquele que se encontrava ao seu colo, na posição de reclinado... isto é, deitado... o que presumia alguma intimidade para além da amizade.

Simão Pedro fez sinal a esse jovem a quem Jesus amava, para que perguntasse ao Mestre quem era aquele que o haveria de trair. O jovem aproximou a sua boca do rosto de Jesus e perguntou: *“Senhor, quem é?”*.

Segundo esta narrativa, aquele a quem Jesus amava e que se reclinava sobre o seu seio, era seu confidente e porta-voz. Através dele os outros discípulos dirigiam-lhe as questões e ouviam a resposta (pelo menos naqueles versículos assim é).

A interpretação desta passagem bíblica pode ser variada... e uma das variações, tão válida quanto qualquer outra, pode ser entendida como havendo uma relação íntima entre aqueles dois homens.

Não é à toa que os autores teatrais tratam os assuntos históricos ou míticos. Eles lêem, estudam e investigam, para poderem fundamentar as suas estórias que passam em palco, na televisão ou no cinema.

Ao contrário, os fundamentalistas religiosos só têm uma interpretação – a radical – e baseados nela arrogam-se o direito de matar ou de lançar bombas contra aqueles que, dando cumprimento ao seu trabalho de criar rábulas teatrais (ou cartunes, ou textos...), atingem um nível de raciocínio que está vedado aos agressores. Por isso se radicalizam... e Jaír Bolsonaro alimentou essa radicalização e apoiou tais actos!

Termino transcrevendo uma frase do meu camarada cartunista Zé Oliveira: *“Produzir humor é um acto de inteligência. Produzir terror é um acto de estupidez bárbara”*.

(O autor não obedece ao último Acordo Ortográfico)